

Além da Precarização: Afastamento dos Jornalistas da Imagem de Trabalhador¹

Danilo Oliveira Pereira²
Ligia Coeli Silva Rodrigues³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Fruto de uma pesquisa em andamento através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal do Cariri (UFCA), o estudo tem como objetivo contribuir com a agenda de investigação sobre o atual cenário de trabalho dos jornalistas (MICK, KIKUTI, 2020). Focando em dinâmicas registradas no interior do Ceará, utilizou-se como metodologia entrevistas feitas a 17 profissionais que trabalham nos meios de comunicação das cidades de Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte. O principal resultado foi a identificação de discursos de apagamento da imagem de trabalhador, que foram analisados a partir das reflexões de Figueiredo e Bolaño (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; mundo do trabalho; teorias do jornalismo; práticas jornalísticas; comunicação.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, profissionais jornalistas viram surgir novos tipos de vinculações laborais. São trabalhos autônomos, por conta própria, informais e cooperativos, inclusive alguns em regime semissalariais ou salariais disfarçados. Expressões como “flexibilização do trabalho” ganharam destaque na Sociologia do Trabalho (Oliveira *et al.*, 2019). Considerando esse panorama, que inclui ainda a precarização do trabalho do jornalista, enxergamos a necessidade de avançar nessas discussões, como já apontam pesquisadores da área (FIGUEIREDO, BOLAÑO, 2018).

Estudos como o de Roseli Fígaro e Cláudia Nonato (2021), intitulado “Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas”, exploram esse terreno e mostram-se de imensa importância, tanto para se entender a situação dos arranjos jornalísticos gerais no Brasil como para basear novas

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: danilo.pereira@aluno.ufca.edu.br

³ Orientadora do trabalho, professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: ligia.rodrigues@ufca.edu.br

pesquisas a partir dos seus resultados ou lacunas. Diante disso, o nosso problema de pesquisa é: os jornalistas das cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, no Cariri cearense, se entendem como trabalhadores? Isso porque atualmente não só o mercado de trabalho desconsidera o jornalista como trabalhador, como as próprias bases teóricas também necessitam dessa visão (FIGUEIREDO, BOLAÑO, 2018). Além disso, “sem dispor de conselho ou ordem responsável pelo monitoramento da atividade profissional e sua autorregulamentação, os jornalistas brasileiros são uma categoria cuja dimensão e morfologia só podem ser aferidas por pesquisadores” (MICK, KIKUTI, 2020, p.213).

Entre os principais objetivos desta pesquisa estão: 1) refletir sobre o campo das teorias das bancas acadêmicas e a prática existente no mercado de trabalho e 2) desenvolver uma análise em conjunto de ambas para tentar entender quais situação levam os jornalistas do Cariri a não se entenderem como classe trabalhadora. Entre as justificativas, citamos o cenário de trabalho no Ceará. Em matéria⁴ publicada em 23 de abril de 2019, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), divulgou uma pesquisa com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Foi constatado que os profissionais de jornalismo chegam a trabalhar 8 horas à mais do que a carga horária estabelecida no artigo 303 da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). No caso do Ceará, os dados são ainda mais preocupantes: a média de horas semanais trabalhadas é de 41h, sendo 11h a mais que o estipulado.

“É comum nos depararmos com um discurso de que o Jornalismo atravessa uma crise de valores, de identidade e de mercado” (DANTAS *et al.*, 2017) e é justamente essa crise de identidade que observamos em falas de jornalistas que, pelos mais variados motivos, não se colocam como classe trabalhadora. Nesse cenário, buscamos contribuir com a agenda de investigação sobre o trabalho de jornalistas no interior do Ceará, refletindo sobre um dos eixos apontados por Mick e Kikuti (2020), que é o de voltar os nossos olhares para as transformações no padrão de regulação do trabalho, que inclui os efeitos da reforma trabalhista e a precarização. Estamos de acordo com o que apontam Mick e Kikuti (2020, p.223), que estudam o tema e alertam que “as conexões entre o mercado de trabalho para jornalistas e as desigualdades regionais foram pouco exploradas”. Por isso, durante a coleta de dados para a pesquisa “Condição laboral dos

⁴ Disponível em: <https://fenaj.org.br/jornalistas-brasileiros-trabalham-mais-do-que-o-estabelecido-pela-clt/>

jornalistas no Cariri Cearense”⁵, percebemos duas lacunas que nos levaram a expandir as reflexões sobre o tema estudado: 1) A pesquisa de Fígaro e Nonato (2021) contemplava o Ceará mas não as particularidades do mercado de trabalho da Região Metropolitana do Cariri (RMC), que engloba 09 cidades e possui um funcionamento de veículos de comunicação que carece de maior profundidade de estudos. Trata-se de um mercado regido ainda principalmente pelas rádios e pelos veículos online (SILVA, PEREIRA, 2022). Além disso, 2) não se apropria de uma imagem do “jornalista proletário” e nem levava em consideração o fato das teorias jornalísticas, desde sua base, serem desenvolvidas de modo a fortalecer esse apagamento, como apontado por Figueiredo e Bolaño (2018).

METODOLOGIA

O percurso metodológico contou com as seguintes etapas: **a)** uma revisão de produções acadêmicas sobre mundo do trabalho dos jornalistas (FIGUEIREDO, BOLAÑO, 2018; MICK, KIKUTI, 2020; FÍGARO, NONATO, 2021), **b)** entrevistas semi-estruturadas feitas a com 17 profissionais que trabalham no mercado de trabalho jornalístico da RMC, mais especificamente nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. Visando a preservação da identidade das pessoas consultadas, sistematizamos os dados sinalizando como Entrevista 01 (E1), Entrevista 02 (E2) e assim sucessivamente. As perguntas norteadoras para a realização dessa consulta foram: 1) quantas horas você trabalha diariamente?; 2) Você considera seu trabalho flexível? e por fim, 3) em quais condições logísticas você está inserido? Também indagamos se as pessoas entrevistadas precisaram adquirir equipamentos de trabalho por conta própria, se realizava atividades que não são inerentes à função jornalística para qual foi contratado e se a empresa disponibiliza espaço de trabalho e equipamentos adequados. A partir disso, transcrevemos as gravações, tabulamos e analisamos as entrevistas realizadas para futuras consultas e possíveis cruzamentos de dados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O jornalismo é uma profissão que enfrenta inúmeros desafios e mudanças em seu mercado de trabalho. Dentre os desafios, encontra-se a precarização do trabalho do

⁵ Projeto de pesquisa aprovado no Edital 04/2022/PRPI/UFCA - CHAMADA PIICT UFCA/FUNCAP/CNPQ, com previsão para conclusão em julho de 2023.

jornalista, que vem sendo tema de discussão em diversas pesquisas nos últimos anos (FIGUEIREDO; BOLAÑO, 2018; FÍGARO, 2020). Segundo Figueiredo e Bolaño (2018), essa precarização do trabalho do jornalista pode ser observada na flexibilização da jornada de trabalho, na ausência de garantias trabalhistas e na pressão por produção em curtos períodos de tempo.

Além disso, é importante considerar as bases teóricas que sustentam o jornalismo e como elas podem contribuir para a invisibilização da classe trabalhadora jornalística. Segundo Dantas *et al.*, (2017), a crise de identidade do jornalismo pode estar associada a uma crise de valores e de mercado. Essa crise pode ser percebida nas discussões teóricas sobre o papel do jornalismo na sociedade e na maneira como a profissão é retratada nas produções acadêmicas. Segundo Filgueiras (2021) as reformas que “flexibilizam” o trabalho não são solução para o desemprego e nem uma solução para os desafios relacionados às novas transformações tecnológicas. O empreendedorismo e o neoempreendedorismo apenas agravam a situação com discursos que afastam a classe trabalhadora da sua imagem de proletário com um discurso de “seja seu próprio patrão”.

Diante disso, é necessário realizar uma análise em conjunto da prática existente no mercado de trabalho e das bases teóricas do jornalismo, a fim de entender os processos que contribuem para a invisibilização da classe trabalhadora jornalística. É importante considerar as particularidades de cada região e as condições logísticas em que os jornalistas estão inseridos (SILVA; PEREIRA, 2022). A realização de entrevistas com profissionais de jornalismo pode ser uma estratégia importante para se obter dados sobre as condições de trabalho e as percepções dos jornalistas sobre sua própria condição de trabalhador.

“DA HORA QUE ACORDO ATÉ A HORA QUE VOU DORMIR”

Quando questionados se trabalhavam as cinco horas diárias que são definidas no artigo 303 da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT)⁶, das 17 pessoas consultadas, 11 delas disseram ter uma carga horária que ultrapassa e muito esse valor. Contudo, quando questionamos se esses(as) profissionais consideravam o trabalho flexível, os(as) 17

⁶ O artigo 304 da CLT prevê, mediante acordo por escrito, a possibilidade de elevação para sete horas, desde que haja a remuneração dessas horas excedentes de trabalho e seja concedido intervalo intrajornada. Informações disponíveis em: <https://www.sindjorce.org.br/assessor-de-imprensa-tem-direito-a-jornada-de-5-horas-diarias/>

afirmaram que sim. As justificativas variam entre poder entrar e sair mais cedo no trabalho ou poder realizar as atividades de maneira remota.

A fala da E01, exemplifica bem essa incoerência nos discursos entre trabalhar horas a mais mas considerar-se em vantagem por ter flexibilidade nos horários: “Eu faço três funções, mídias sociais, site e o jornal”, disse. Em decorrência desse acúmulo de funções, o funcionário pode sair ou chegar mais cedo no trabalho, isso para ele é vantajoso, mesmo que se sinta sobrecarregado com o acúmulo de funções, como o mesmo veio a afirmar pouco depois. Um dos depoimentos que nos chamou a atenção durante a coleta de dados por meio de entrevistas presenciais foi a da E04, que relatou: “Eu estou à disposição da empresa quando eles precisarem, da hora que eu acordo até a hora que vou dormir, na semana ou no final de semana”. A mesma relatou também já chegar a trabalhar cerca de 9h por dia e, mesmo assim, considera o trabalho flexível, já que atua em modelo híbrido (alguns dias trabalha em *home office* em outros vai trabalhar na sede da empresa). A E06 afirmou manter disponibilidade para ser consultada para o site em que trabalha, mesmo após o encerramento do expediente.

A partir da análise dos discursos dos consultados, refletimos sobre a compreensão que os trabalhadores tem do que realmente significa trabalho flexível. Embora tenham indicado que valorizam a flexibilidade em suas atividades laborais, suas cargas horárias excessivas e a falta de sinalização sobre horários de entrada e saída evidenciam uma realidade bem diferente. Os trabalhadores precisam compreender que a flexibilidade não significa trabalhar menos horas ou estar disponível para a empresa a todo momento. O equilíbrio entre flexibilidade e respeito às horas de trabalho é fundamental na relação entre trabalhador e empregador.

CONCLUSÃO

Consideramos importantes as indicações teóricas do Figueiredos e Bolanõ (2018), que alertam como as teorias do jornalismo brasileiro precisam reforçar a ideia de jornalistas como pertencentes a classe trabalhadora, evitando o apagamento da imagem de trabalhador. Embora não tenha sido uma pesquisa generalizante, a consulta aos profissionais que trabalham em meios de comunicação e assessorias da região metropolitana do Cariri nos deu a oportunidade de observar como esse apagamento não reside apenas nas teorias, nos discursos dos patrões e no próprio mercado de trabalho, mas que é reproduzido pelos próprios jornalistas.

Portanto, é fundamental que esses profissionais reflitam sobre a sua própria condição de trabalhadores e se unam em prol de uma luta por melhores condições laborais, salários dignos e respeito aos seus direitos trabalhistas. Além disso, é necessário que as teorias do jornalismo brasileiro passem a incluir essa perspectiva de classe, para que o jornalismo seja visto como uma profissão legítima e valorizada, que contribui para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Somente assim poderemos construir um jornalismo mais plural, representativo e comprometido com a realidade social e política do país.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto et al. **Crise, precarização e mudanças estruturais no jornalismo: reflexões sobre tendências teóricas**. Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público, v. 5, p. 39-49, 2017.

FIGUEIREDO, Carlos; BOLAÑO, César. **Do Profissional ao Trabalhador: A Identidade do Jornalista nas Teorias Brasileiras**. São Paulo: SBPJor, 2018.

FÍGARO, Roseli. NONATO, Cláudia. (Org). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**. Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. São Paulo, ECAUSP, 2021.

FILGUEIRAS, Vitor. **“É tudo novo”, de novo: as narrativas sobre as grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

MICK, Jacques. KIKUTI, Andressa. **O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa**. Revista Plural. São Paulo, v.27.2, ago./set., 2020, p.210-239.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. RAMALHO, José Ricardo. ROSENFELD, Cinara. **A Sociologia do Trabalho e suas interfaces: trajetória e tendências atuais**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. 2019.

SILVA, Naiana Rodrigues da. ARAÚJO, Mayara Carolinne Beserra. BATISTA, Raphaele. COSTA, Rafael Rodrigues da. Trabalho e sustentabilidade nos arranjos jornalísticos cearenses: informalidade e construção de modelos de negócios. In: **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas**. Org. Roseli Figaro, Cláudia Nonato – São Paulo: ECA-USP, 2021.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a
22/06/2023

SILVA, Rafael da. PEREIRA, Danilo. **O Protagonismo das Rádios e dos Veículos Online para a Informação Local na Região do Cariri.** Ceará: COMPESQ 2021.